# O Túmulo de Anchieta

**LEITE MARANHÃO**
**(Da Academia Cearense de Letras)**

Em Vitória, numa dependência do Palácio do Govêrno, está o túmulo do Padre José de Anchieta·

Não é novidade...

Para mim, porém, foi um episódio profundamente emotivo a visita que, naquele recanto, me fez conhecer o local onde foi sepultado o apóstolo das selvas, o maior e o mais iluminado artífice da epopéia jesuítica no Brasil.

Tenho como acentuada característica psicológica a atração pelo passado que se ostenta á minha contemplação numa ressurgência de vida que se eleva ao culto das coisas belas, como silhuêta espiritual de mártires e heróis, sacrificados em holocausto á civilisação.

Ali está, portanto, um dos altares dêsse culto, sombrio, evocativo e edificante, silencioso e místico, a murmurar baixinho a prece de um mártir, e de um santo, por uma Pátria que deveria ser a Canaã bendita da civilização cristã!

* * *

Um pouco de história...

É sabido que Anchieta transfundiu-se na selva brasileira, principalmente nas regiões do sul, onde se tornou o centro-esfero da catequese indígena.

Nóbrega fê-lo seu lugar-tenente e, nesta batalha espiritual de humanização do selvagem, fê-lo escrínio da graça e do martírio, pelo estoicismo que lhe blindou a alma na solução de problemas e episódios de sacrifício e de fé apostólica.

Anchieta era o bastião itinerante, a coluna móvel da catequese.

Conquistados os redutos da soberania selvagem, logo era Anchieta transferido pelo Superior da Ordem para outros setores rebeldes, de guerreiros indomáveis e até antropófagos, cuja caça se planejava numa equação de vida e morte, isto é: — *de vida* pela graça de uma conquista miraculosa,

*e morte*, pela contingência fatal de ser tragado pela gula de uma soberania brazonada de sangue no banquete da carne humana abatida pela voracidade do selvagem entranhado á terra pelo seu absoluto domínio.

Anchieta deveria ser o cordeiro paciente dêsse novo testamento do cristianismo, o Bom Pastor dêsse rebanho apacentado no evangelho da selva á sombra da Cruz...

Centralizada a catequese no Espírito Santo, naquele labirinto de montanhas e vales exiguos, verdadeiras nesgas e plissados orográficos, ali viveu Anchieta o seu último quartel, vindo a falecer numa aldeia que serviu de núcleo preferencial para sua ação apostólica.

Lá está a sua capelinha rústica e airosa, na aldeia de ontem e cidade de hoje, glorificada com o seu nome.

Reritigbá foi o sítio predito por Anchieta para a exalação do seu último suspiro, a sua última prece de moribundo entre lírios e murmurios cadenciados da selva.

Achava-se, então, Anchieta em Vitória como Superior da Casa dos Jesuítas e, quando chegou o novo Superior, Padre Pedro Soares, voltou a Reritigbá pela última vez.

Celso Vieira assim descreve os ultimos momentos de Anchieta:

"O seu regresso á aldeia foi celebrado pelo chôro dos índios, cujas lamentações ecôam na dor e no prazer com igual retumbancia. Durou-lhe três semanas então, a vida bruxoleante, ainda sorridente á própria agonia sem um queixume. Tanto podia nele o amor inefável ao próximo, que uma noite se ergueu do leito, espectralmente, seguiu até á cozinha, trôpego e tacteante para aviar o remédio a outro enfêrmo. Os últimos passos noturnos do santo eram de caridade cristã. Exanime e frio, ele caiu de repente no chão, como um lírio desfeito por uma rajada. Cinco sacerdotes oravam ajoelhados á cabeceira. E, na algidez crescente de todo o corpo, a agonia quieta e suave do bemaventurado era como um celeste murmúrio, em que se exalavam com a própria vida os nomes de Jesús e Maria. Assim expirou Joseph de Anchieta num domingo, nove de junho de 1597, com 63 anos de idade, sendo 46 de religião, e dêstes, 44 vividos apostólicamente no Brasil!"

O seu corpo foi trasladado para Vitória nos braços dos indios, num percurso difícil de 15 léguas, "acompanhado pelo Padre João Fernandes, a pé, revestido de roquête e estola."

Quatro dias de penoso séquito, "sôbre cujo esquife resplandecia, em noite escura e soluçante pelo ulular dos ventos e solfejos das cascatas, o Cruzeiro do Sul."

Chegado a Vitória, foi aberto o caixão e exposto á visitação o corpo inanimado mas incorruto de Anchieta, que não exalava odor nem apresentava sinais de decomposição."

Foi sepultado na Capela dos Jesuítas.

* * *

A capela dos Jesuítas foi envolvida pela construção e expansão do palácio do Govêrno atual, grande e majestoso edifício que surpreende logo a visão e a curiosidade do turista.

E lá, nos fundos da Secretaria da Agricultura e Obras Públicas, se encontra um quarto da capelinha, reestruturada e reduzida a mínimo espaço, como santuário que abriga o túmulo de Anchieta, numa expressão mística impressionante de zêlo e culto histórico...

Ali está uma urna sôbre a qual repousa uma lápide de mármore com a seguinte inscrição em latim do século XVI:

HIC IACVIT VENE
RAB P. JOSEPHVS
DE ANCHIETA SOC.
L. BRASILIAE APOST
ET NOVI ORB NO
WS THAVMATVRG
OBIIT RERITIRA
DIE IX IVANN
MDXCVII

Pendente ao fundo, um Crucifixo, e de lado, à direita, dois quadros murais, lindos paineis que reproduzem episódios da vida do apóstolo das selvas.

Um quadro traduz o êxtase de Anchieta, preso como refém dos tamoios antropófagos, sob a proteção de Cunhambébe, o terrível pagé, quando na praia de Iperuig escrevera o poema da Virgem, fruto de uma promessa: — num fundo sugestivo da natureza opulenta, onde o mar e a terra se osculam numa transição de carícia e bonança, surge um anjo, linda e delicadíssima concepção artística, que afaga e inunda de carinhos a cabeça do apóstolo, cuja face transparece a angústia de uma meditação profunda, em que a fé e a tortura lhe cometem o gôzo de uma visão celeste consoladora e amiga, dôce amiga que o leva a escrever na areia molhada e comprimida pelas ondas, o majestoso poema da Virgem Imaculada, a maior e mais pura divinização do pensamento humano!...

Aos seus pés, e em traços sutis de manuscrito trêmulo, estão os versos em latim que encerram o grande poema, como parte integrante daquele painel maravilhoso.

O outro quadro reproduz Anchieta falando a um índio: — êste está sentado, corpo inclinado apoiado nos braços cujas mãos se espalmam na areia da praia, tendo o rosto voltado para o mestre, numa expressão de curiosidade e submissão como quem ouve palavras de confôrto e carinho...

Anchieta de pé, mão esquerda sôbre o peito, segura o debrum da batina e, mão direita distendida para o alto, em atitude de bênção ou exortação, tem a face ritimada numa expressão mímica de felicidade e confiança.

Os dois painéis se conjugam por uma plaquete que moldura os seguintes versos:

*"Eis os versos que outora,*
*oh Mãe santissima,*
*te prometi em voto —*
*Vendo-me cercado de feros inimigos,*
*Emquanto os tamoios conspirados,*
*pobre refem, tratavam as*
*suspiradas pazes,*
*Tua Graça me acolheu,*
*Em teu materno manto,*
*E teu poder me protegeu intacto,*
*corpo e alma.*
*José de Anchieta".*

O conjunto daquele santuário de sagração histórica envolve a alma da gente numa emoção contemplativa que evoca a visão longinqua de uma epopéia redentora que ecôa nos destinos do Brasil, naquele labirinto, de montanhas e regatos, pela voz dolente das cascatas, como o cantico litúrgico de uma catedral em ruína!...

O passado e o presente se chocam no cruzamento de uma civilização agonizante, sem amor cívico, sem fé, e sem história numa confusão agnóstica de corrução e delírio...

Aquele monumento de evocações miríficas está sob a guarda patriótica do Instituto Histórico espiritosantense, como os seus congêneres no Brasil, último bastião das belas tradições e opulento patrimônio histórico da raça brasileira.

* * *

Ali está o túmulo de Anchieta, todavia uma urna vasia!...

As suas relíquias, os seus ossos, foram retirados pouco a pouco, e trasladados para as diversas casas de jesuítas no Brasil e, até para Roma foram remetidos "dois ossos encerrados numa urna de jacarandá forrada de prata" (Celso Vieira).

Quanto aos ossos restantes na capela de Vitória, "não há, diz Celso Vieira, documento que informe seguramente o seu destino".

Pereira de Vasconcelos, citado por Celso Vieira, diz o seguinte: — "Na sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, celebrada em 17 de agosto de 1855, foi apresentada pelos senhores Pereira Pinto e Norberto uma proposta para que se solicite do Govêrno a entrega de um fragmento dos despojos mortais do missionário Anchieta, que se conserva em uma caixa com lavor de prata no tesouro público da Côrte ou da Província do Espírito Santo".

Comentando essa informação, escreve Teixeira de Melo: "O Tesouro público de que fala dubitativamente Vasconcelos, seria o da capital da Província do Espírito Santo, se não se soubesse que se trata aqui da igreja dos Jesuítas na capital daquela província, onde se acha vazia a lousa tumular do santo varão apostólico, de cujos restos mortais alguns presidentes da Província, com mais cortezania para com os vivos do que veneração para com os mortos, têm lançado mão para obsequiar a amigos ou a altas personagens que visitaram a igreja em que êles jaziam" (Celso Vieira, Anchieta).

Não parece aceitável o comentário de Teixeira de Melo, talvez se trate de uma lenda que o ilustre historiador esposou com fundamento na conduta irreverente de certos "presidentes da Província, áulicos, certamente, do marquês de Pombal.

O que é mais aceitável é que, com a expulsão dos Jesuítas do Brasil, êstes tenham conduzido tão precioso relicário, visto como já o tinham cuidadosamente sob sua guarda, juntamente com ossos de Nóbrega, em caixas de jacarandá forradas de prata, conforme se conclui da seguinte informação prestada por Sá e Benevides a Ramiz Galvão, em 20 de dezembro de 1876: — "que existiam na sacristia da igreja dos Jesuítas, ao lado do palácio do Govêrno, duas caixas de prata contendo, a primeira uma canela de Nóbrega, e a segunda fragmentos da canela de Anchieta" (Celso Vieira).

É pois, que tenha sido honroso e venerável o destino dos restos mortais do "grão-pagé dos cristãos", do grande taumaturgo da gênese brasileira, cuja voz emudecera para sempre, mas gravou na consciência nacional o protesto solene "em nome da liberdade contra a velha opressão do homem pelo homem".

Uma visita ao túmulo de Anchieta, mesmo carente de seu precioso e venerável conteúdo, será sempre uma oportunidade de contemplar as origens brasileiras na téla mística de uma meditação que fala, bem fundo, á mente e ao coração, num apêlo crucial de amor e respeito á liberdade e ao culto de uma Pátria dignificada pelos anseios e as diretrizes da civilização cristã.